

## *Aculturações*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA  
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA  
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO  
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO  
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

*Miguel Alvarado Borgoño*

# *Aculturações*

O VAZIO DA CULTURA OU  
O DELÍRIO DA IDENTIDADE

TRADUÇÃO

Luciana Nogueira

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

B644a    Borgoño, Miguel Alvarado.  
Aculturações: o vazio da cultura ou o delírio da identidade / Miguel Alvarado Borgoño; tradução: Luciana Nogueira. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

1. Comunicação. 2. Transtextualidade. 3. Linguagem. 4. Aculturação.  
5. Cultura. I. Nogueira, Luciana. II. Título.

CDD - 301.16  
- 801.959  
- 400  
- 303.482  
- 306

ISBN 978-85-268-1378-6

---

Título original:

*Aculturaciones: El vacío de la cultura o el delirio de la identidad*

Copyright © Miguel Alvarado Borgoño

Copyright © Editorial Cuarto Proprio

Copyright © 2017 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para María Elizabeth, a irmã desde o tempo de antes...  
e para Isidora e Trinidad, o sentido destes anos...



# Sumário

PRÓLOGO – *Da construção da Mandala. A incomunicação não é unicamente uma epígrafe* ..... 9

PRIMEIRO CAPÍTULO – *O remar dos encontros e o império, ainda, da distância* ..... 17

## PARTE I

DA CONSTRUÇÃO DA MANDALA. A MANDALA É FEITA  
COM AREIAS COLORIDAS DEPOSITADAS SOBRE UMA  
SUPERFÍCIE PLANA AO GOLPE DO DEDO DO MONGE; ISTO É,  
AO GOLPE DAS CARÍCIAS DE SEU CRIADOR

SEGUNDO CAPÍTULO – *De reforma e extermínio. Notas sobre identidade mapuche, aculturação e educação no Chile* ..... 63

TERCEIRO CAPÍTULO – *O sonho da comunicação em José María Arguedas. Leituras de Los ríos profundos* ..... 81

QUARTO CAPÍTULO – *Interculturalidade (im)possível*..... 111

QUINTO CAPÍTULO – *Elogio do sincretismo*..... 127

PARTE II

DA CONTINUAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DA MANDALA.

A MANDALA É APAGADA A VASSOURADAS;

NÃO SOBREVIVE SEQUER NA MEMÓRIA, SOMENTE

NOS REMOTOS GOLPES VISUAIS DO PAROQUIANISMO PROSTRADO

SEXTO CAPÍTULO – *O fundamento material do bom selvagem.*

*De filogênese, escatologia e sacrifício* ..... 157

SÉTIMO CAPÍTULO – *Notas sobre a metodologia qualitativa*

*e seu uso na pesquisa educacional* ..... 175

OITAVO CAPÍTULO – *O fantástico como recurso ao real*..... 207

NONO CAPÍTULO – *O Quixote e a etnografia de um delírio:*

*Uma antropologia literária dos moinhos de vento a partir de Alfred Schütz* ..... 229

## PRÓLOGO

### *Da construção da Mandala. A incomunicação não é unicamente uma epígrafe*

O conceito de cultura esconde uma indeterminação que, longe de ser um convite à multiplicação dos significantes, resulta num espaço vazio e, portanto, estéril; é um não dizer para perpetuar o silêncio, para que o apelo ético fique suspenso na leveza desse sigilo. O conceito de cultura possui um aspecto um tanto subversivo; alguns atribuem a Goebbels, outros a Millán-Astray a seguinte frase: “quando ouço a palavra cultura, saco logo o revólver”. Atualmente, nossa tragédia consiste em que a palavra cultura não diz nada e se transformou num vazio infértil, num não dizer, num recurso permanente e confuso.

Desse modo, um prólogo para um livro que nem sequer está ancorado num conceito aglutinante é uma forma de desorientação do leitor. Imaginar este livro sem prólogo alheio, sem palavras que lhe deem os parabéns, o reconhecimento, a legitimação – definitivamente, sem palavras elogiosas que o introduzam em algum cânone –, parece-nos desejável, lutuoso, uma forma de continuar desorganizando algo que é como meus livros anteriores: nada mais que uma coleção de ensaios, outra peça que articula um livro interminável, sempre o mesmo livro, que dialoga com outros textos, talvez pelo medo visceral de encontrar-se com os demais, talvez uma paradoxal antropologia misantropa, um desdobrar-se amorosamente na leitura e no comentário, revelar-se na metáfora que passa nas

brechas do ensaio, na resenha; dissecação, ditirambo e carta na garrafa quebrada (Sonia Montecino já disse isso sobre nosso trabalho, há alguns anos).

Por isso, esta introdução é uma homenagem à solidão, uma ode à dignidade do que “se” escreve, transverte, expressa, sem nunca revelar o pano de fundo, talvez como uma forma de construir um personagem. No livro de papel, no livro pirata da Internet, em suspeitas, preconceitos e malabarismos da não memória, do não reconhecimento, dos leitores terríveis que desejam que o personagem exista para poder, dessa maneira, estar em desacordo, justificando a discrepância, com base na culpa que se leva pela violação dos códigos canônicos textuais e pela absoluta solidão da proposta. Quiçá os leitores terríveis tenham alguma razão, pois isso não é um aporte a uma escola, mas o apelo a uma modernidade romântica que, penso, transportou o conceito de cultura de um enigma até o terreno do pretexto.

Volta à memória uma carta de Cioran a Savater, em plena ditadura franquista, quando alguém suspeitou que Cioran era uma invenção do próprio Savater, já que seus livros (os de Cioran) circulavam em pequenas edições numa França afetuosa e oculta para o mundo hispânico. Constrói-se o sentido quando Cioran pede a Savater: não os desminta! Cioran deseja ser a invenção, ou seja, não queria ser, ou queria ser de uma maneira em que a maldição da distância pudesse se manifestar de forma cruel e honesta. Cioran não queria ser, somente suas palavras traduzidas e desdobradas no comentário do jovem amigo tinham verossimilhança para ele, mas sempre fora da real magnitude de sua presença. Os europeus, especialmente Derrida, muito nos ensinaram sobre os devaneios da dialética presença/ausência. Nossa terrível especificidade é que o fim do homem e a ausência (que é presença e distanciamento no final) se conjugam há 40 anos com milhares de presos desaparecidos e hoje se combinam com a invisibilização. Os desaparecidos de hoje são, acima de tudo, ausência midiática, são fabricados e desvanecidos por meios de co-

municação controlados que coexistem com uma Internet que perde seu peso perlocucionário pelo simples fato de substituir o impresso, uma Internet que é em si panfleto: é aquele papel que se lê, que pode surpreender, mas que no final é pisado e esquecido.

Não quero me posicionar a partir da infundada ruptura porque, de tanto fundar e refundar, não sobra espaço para o simples surgimento de uma antropologia latino-americana, pois na busca da expressão tem um “isso” que é constante e historiável, um “isso” que não requer nenhuma suspeita, como dissera o salvador na terapia e na reflexão, Jacques Lacan, “eu volto às origens”, “eu fundo sem criar”, eu inicio sem iniciar nada. Desejo simplesmente assumir as ciências da cultura positivista, funcionalista e sistêmica como um charco, uma interrupção fruto da colonialidade, do esnobismo e também do acaso para, desse modo, prosseguir a tarefa da escrita, reconstruir um edifício antigo, mas bem cimentado, e assumir de maneira superficial e um tanto ingênua que a modernidade é romântica. Romantismo que é um barroco degradado, feito representação, tipo ideal e arquétipo estético, mas é o que somos em nossas narrações, é o que temos: modelos estéticos sobrecarregados que, por diversas razões, nos permitiram representar o mundo, até que o positivismo e o desenvolvimentismo interromperam o sintagma, apertaram a frase para convertê-la num gesto de cópia, emulação das formas de pulcritude analítica.

Portanto, hoje a tarefa é inversa, não se trata de progresso, de avanço nem de fundação, mas de uma arte rupturista em forma de narração da diversidade sociocultural. O esforço se assemelha ao de Teresa de Jesus em *Las moradas*,\* em seu retorno ao permanente da espiritualidade; retornar a essa forma de narrar que foi literatura e logo simultaneamente historiografia, assim como foi (em alguns altos momentos) poesia, é uma forma de entendê-la (como as pou-

---

\* O autor se refere à obra *Las moradas o el castillo interior* de santa Teresa de Jesús (1577). Em português foi traduzido como *Castelo interior ou moradas*. (N. da T.)

cas linhas resgatáveis que se consegue escrever em cada civilização em um milênio, como dizia Ezra Pound) que ainda não foi sequer definida. O texto se articula desde uma metalíngua do processo e em processo, mas tem suas raízes nas formas de escrita do século XIX, como um refúgio, como algo matricial, arcaico, antigo e procriador. Parece que a autenticidade da tarefa consiste em escrever sobre o sociocultural no formato da carta de amor, como em *O amor nos tempos do cólera*, em que as cartas comerciais do eterno apaixonado eram estrofes rebuscadas e soltas.

Vale a pena imitar Juan Luis Martínez e que pensem que alguém é uma invenção de seus amigos, e vale a pena escrever sempre o mesmo livro, vale a pena repetir os ensaios, reescrevê-los, envergonhar-se deles, reeditá-los, simplesmente porque somos parte de uma busca perpétua, que já não quer desatender o sujeito objetivo (digamos, sujeito da práxis) numa busca cardinal: a da memória.

Admitindo que o autor é uma estratégia narrativa, necessitamos voltar às origens de nossa expressão no século XIX. Na lógica da história e da literatura, as narrações fundadoras de uma unidade nacional fictícia e desesperada hoje são cruzadas por uma ética da memória de urgente necessidade. Se todo esse esforço é o esforço da memória, este livro adquire sentido, como aquilo que resgato de um livro da pensadora brasileira Eni Orlandi.<sup>1</sup> Neste prólogo usaremos essas palavras escritas para resenhar o livro de uma mestra, mas desta vez para definir minha própria escrita, provavelmente porque o conjunto é o mesmo, porque o idioma não conseguiu separar o vínculo e porque a inquietude na calma impulsiona a ambos.

Rememoro em homenagem a Eni e em digressão a respeito desse e “nesse” livro: O poeta judeu Paul Celan, o sobrevivente de Auschwitz-Birkenau, o suicida, num poema sobre os fornos onde ocorreu a Shoah, fala da fumaça evaporando a vida, utilizando em alemão um conceito que não tem sinônimos, até onde eu sei, nas línguas românicas, “Metapherngestöber”, e que traduzo a meu modo como explosão ou torrente de metáforas... Esse poeta do extermínio,

vítima dentre as vítimas, alguma vez visitou Heidegger em sua cabana na Selva Negra, e pouco sabemos do que falaram; somente fica um poema obscuro, bonito, mas que nada esclarece. No entanto, esse poeta da finitude radical pode nos dizer muito sobre os efeitos da barbárie na América Latina; a barbárie que se assemelha à de Auschwitz, mas em Villa Grimaldi, e que hoje é negada sem a coragem de Édipo de arrancar os olhos diante da responsabilidade da cegueira: a explosão de metáforas é o momento em que a polissemia se torna incoerente e por isso vazia. Freudianamente, se fosse delirante teria sentido, mas a carência do sentido é o perigo na leitura, o espanto de não poder compreender e por isso comunicar consiste em que a metáfora se extravasa como a fumaça negra das caldeiras de Auschwitz.

Desejo que em meus livros essa fumaça não se dissemine e a constelação de significantes tenha um ponto zero, uma forma de linguagem primeva que surja do conceito de sujeito. Trata-se, isto sim, de um sujeito entre barroco e surrealista, como um quadro de Picasso ou de Matta, em que o côncavo esquiva a exatidão, em que o nariz é um chifre de Minotauro, em que a boca contém um único dente, lacerante.

Trata-se do conceito *sui generis* de sujeito recuperado, um sujeito certamente descentrado, apreendido não pelo movimento histórico, mas sim pelo devir do sentido, saturado no dito e no não dito, sujeito simultâneo na enunciação e na escuta, sujeito que é sintagma na sucessão, paradigma no incluído e no evitado, mas sujeito ao fim e ao cabo; nunca homem, pessoa ou classe social; sujeito que exige uma restituição do conceito de autor, um autor que não é paráfrase do narcisismo transferencial de Sainte-Beuve e seu apelo à escrita como simples reflexo da vida, mas que remete ao sujeito de Marcel Proust, que vive no discurso e é, antes de tudo, uma ferramenta semântica, pragmática, hermenêutica e sociocrítica. Assim, o sujeito-autor, o sujeito-leitor e o sujeito-ator deixam de ser uma entelêquia, que varia e se transverte, mas existe e se faz patente; é como o mar nerudiano que beija e age sobre si mesmo: “se sale de sí mismo/ a

cada rato, dice que sí, que no, / que no, que no, que no, / dice que sí, en azul, / en espuma, en galope, / dice que no, que no: no puede estarse quieto”, mas que é um marco, um cajado, um sinal, uma porta na interpretação da análise cultural.

Há um autor e há um leitor, portanto, isso envolve a porventura feliz notícia de que é possível ler a partir do descentramento, apelar a algo que cria e algo que recria, não como requerimento ao humanismo metafísico, mas sim como resgate do texto na condição de produto social, dominador ou emancipatório dependendo de como se produza, se leia ou se interprete.

Se nos perguntarmos, parafraseando Vargas Llosa, em que momento se ferraram as ciências da cultura no Chile?, responderíamos, provavelmente, que isso não é assim, simplesmente porque essas ciências não alcançaram sua autonomia desde a recuperação de sua autêntica tradição e ainda não se constituem como disciplina autônoma em nosso meio, mas são uma tentativa, realizada por estudiosos da literatura, sociólogos, filósofos, antropólogos e cientistas políticos. A formação social pós-ditadura deu base a uma formação discursiva que impediu que as ciências da cultura se desenvolvessem e configurou umas ciências humanas acomodáticas e assépticas, que disciplinarmente foram produto da repressão dos anos 1970 e, do que é pior, da autocensura dos anos 1980. É nesse contexto que os cientistas sociais não tinham currículo, mas sim prontuário, nas palavras de um ministro da educação chileno.

Isso nem sequer se expressou no não dito, pois o que primou num espectro amplo de nossas ciências humanas foi um vazio, uma ausência, uma visão culposa que hoje, já introjetada, se torna uma carga que pesa e que nos obriga a assumir novas categorias e a nos comprometermos com os processos históricos. Sonho que o recente movimento estudantil seja uma espécie de terremoto, de abalo, que possibilite esse assalto ao céu que significa interdisciplinar tudo, confundir, misturar, atrever-se a falhar, ressignificar, criar e recriar, fazer uma mimese desatada e uma práxis heterodoxa, que permitam

assumir nosso pensamento e nossa escrita como uma mão que se lança até o infinito para captar, nunca capturar, a explosão de metáforas suscetíveis em cada enunciação e descobrir galáxias com formas sinuosas e irregulares na infinitude do céu estrelado de significantes. O pensamento proposto com base em uma teoria crítica da sociedade e da mente torna-se um artificioso e criativo adjetivar. Sem dúvida, Huidobro tinha razão, “o adjetivo, quando não dá vida, mata”. Sim, estimada Eni Orlandi (como você disse na noite em que apresentei seu livro), “a linguagem sempre falha”, mas confio que estes adjetivos, e mesmo este livro inteiro, não dilapidem o que vai ficando, a possibilidade de prosseguir a escrita.

Campus Macul, junho de 2013

## Nota

- <sup>1</sup> “El tupido velo en el análisis de discurso en Chile”. Apresentação do livro de Eni P. Orlandi. *Análisis de discurso. Principios y procedimientos*. Santiago de Chile, Editorial LOM, 2012.



## PRIMEIRO CAPÍTULO

# *O remar dos encontros e o império, ainda, da distância*

*Fundo – tão sozinho quanto sempre estive [...].  
Esse título em minha intenção representa o organismo em que deve realizar-se um trabalho – que [...] restaure a sega cortante de sua verdade, que reconduza a práxis original [...].*

Jacques Lacan, Ato de Fundação da Escola de Orientação Lacaniana, 21 de junho de 1964\*  
(cortes e lacunas são sempre nossos)

Nossa geração não pode vencer a maldição da distância: *eram dois cavaleiros, despertando muito cedo na madrugada com garoa, paralisados de frio, abrigados e silenciosos. Cruzaram olhares por cima de echarpes escuras. Não se falaram. Mas existe determinada certeza de que suas cavalgadas inclinaram as cabeças em gesto de adeus e de saudação. O desfiladeiro era abrupto, o passo lento, mas realmente, nesse olhar profundo puderam observar minuciosamente o profundo calor que entranhava o contato de seus corpos ao cruzar a estreita trilha entre a montanha aterradora e o vazio infinito do abismo. Somente no momento mesmo de atravessar a passagem, no instante em que se experimenta a vertigem do contato e o vazio, deram-se conta de que essa era a verdadeira rota, a do encontro indeterminado de corpos humanos e cavalgadas que se tocam. Só antes de cair ambos no vazio souberam que estavam, na realidade, sonhando a metáfora de seu encontro e que não havia caminho antes nem depois, só a montanha imaginada e o vazio certo e, sobretudo, o contato imperdível. Esse sonho*

---

\* Jacques Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. (N. da T.)

*os ajudou a nunca pronunciar a palavra futuro nos infinitos encontros  
ulteriores.*

(Talvez eu nunca tenha sido plenamente feliz, mas se sabe que a desventura requer paraísos perdidos.) Não há homem que não aspire à plenitude, quer dizer, à soma de experiências de que um homem é capaz; não há homem que não tema ser defraudado em alguma parte desse patrimônio infinito. Mas minha geração teve tudo, porque primeiro lhe foi proporcionada a glória e depois a derrota.<sup>1</sup>

### *Derrubando a escada*<sup>2</sup>

Para a nossa geração e a de nossos pais, uma das limitações fundamentais no plano interpretativo consiste em avaliar os processos que vivemos na América Latina, a partir das sucessões de formações sociais vividas pelos países centrais da Europa e, hoje, pela América do Norte, particularmente nos planos político, estético e econômico. Nenhum processo é equivalente, particularmente no plano das formas culturais. Por isso, a sucessão entre Barroco, Iluminismo, Romantismo e Modernidade é uma escada ascendente, uma forma de expressão do que Max Weber entendeu por tipos ideais;<sup>3</sup> porém, embora os tipos ideais permitam (muitas vezes) entender a história, eles não são a história. Essa sucessão resulta enganadora, se tentarmos com base nela compreender nossos processos culturais, devido à ambiguidade das categorias.

Desde a dissecação do sincretismo, identificamos elementos que nos permitem falar de cada um desses “movimentos” da cultura, sem que nenhum se encontre quimicamente puro em seu momento histórico de manifestação mais plena.

Nesse sentido, nem sequer o conceito de hibridação nos parece inteiramente apropriado. Algo híbrido é, por um lado, algo que não se reproduz – e os processos culturais comumente se difundem e se reinterpretam – e, por outro lado, o híbrido significaria o trânsito

livre de um tipo de movimento cultural a outro. Este último não é inteiramente aplicável à nossa história cultural, já que, por exemplo, nem sequer a modernidade se manifesta de forma pura, igualmente tampouco podemos desembaraçar-nos completamente dela, sendo as várias formas de difusão cultural as que prevalecem. Basta-nos recordar, a título de exemplo, alguns elementos do barroco que se reproduzem ainda criativamente em nossa religiosidade popular, ou o romantismo que ainda impregna o discurso político, ou o apelo iluminista à razão, que segue sendo um valor que gera relações de dominação.

As específicas polarização e interconexão entre modernidade e barroco, que implicam uma separação que é sobretudo arbitrária, parecem ser um tema superexplorado por nossas formas de escrita. Na América Latina, desde a metáfora de Alejo Carpentier até os desenvolvimentos da sociologia culturalista, a interconexão sincrética entre a exacerbação barroca e a racionalidade moderna parece ser um fato assumido, desde o *macondismo*\* mais simplista até as análises da cultura popular, demonstrando as maneiras especiais em que a modernidade tem sido assumida em nosso contexto.

Em particular, é a subsistência das formas de expressão romântica e sua construção de tipos ideais que queremos sondar, não como uma forma de permanecermos na análise do século XIX, mas como uma maneira de dar conta das formas de sincretização que, particularmente no plano narrativo, definem nossa expressividade própria na atualidade. Este primeiro capítulo procura pensar a América Latina desde as origens da racionalidade moderna e suas específicas manifestações, situando-nos especialmente no século antepassado.

A explicação do porquê nos interessamos por isso, retrospectivamente nesse período histórico, surge a partir de nossa aproxima-

---

\* *Macondismo* deriva de Macondo, cidade imaginária em que se passam os fatos no romance *Cem anos de Solidão* (1967), do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Trata-se de uma expressão/conceito para representar a realidade latino-americana, a partir do denominado realismo mágico, no jogo de representações da América Latina. (N. da T.)

ção a uma problemática interdisciplinar muito mais contemporânea: a aparição, no contexto do pensamento social latino-americano e chileno, de uma série de textos muito particulares que caracterizaremos como textos híbridos (categoria muito distinta da de hibridação cultural) desde o âmbito das ciências sociais e humanas, fundamentalmente desde a sociologia, o jornalismo, a história, a filosofia e a antropologia. A aparição desses novos tipos de texto se localiza no contexto de um movimento cultural bastante amplo.

Nesse sentido, a abordagem de José Joaquín Brunner é determinante ao observar esse fenômeno,<sup>4</sup> já que é contundente ao falar sobre a crise radical do pensamento sociológico latino-americano. Essa crise estava em gestação desde o final do século XIX, vindo a desencadear uma espécie de disputa que sustentaria o romance latino-americano contra o pensamento social, o qual se aprecia (segundo sua hipótese) nas posições em que se localizaram disciplinas pontuais, tais como a sociologia, a antropologia ou a ciência política. Tudo isso em oposição às pretensões da literatura em seus diversos gêneros, mas particularmente no romance, como forma alternativa de narração da realidade sociocultural, colocando-se a literatura em paralelo e em luta com as ciências sociais. Brunner sustenta que nesse confronto há um vencedor: o romance, que em muito superou a discursividade própria das ciências sociais.

Outro fator contemporâneo dessas “novas” manifestações das ciências da cultura é o surgimento de uma série de estudiosos no âmbito do que genericamente se poderia denominar como “Estudos Culturais”, que foi originalmente desenvolvido por cientistas sociais (como Néstor García Canclini, no México; Walter Mignolo e Carlos Reynoso, na Argentina, entre outros) que, de suas próprias perspectivas de análise, estão focados na história da arte e da literatura latino-americana como caminho interpretativo. Para esses especialistas, não se trata somente de definir um objeto de estudo nos terrenos do cultural, mas também de tomar elementos metodológicos da análise própria da teoria literária, da teoria da arte, da história da literatura